

O BRASIL NA BIENAL DE VENEZA

- Porque foram escolhidos os «eruditos» Wesley Duke Lee, Arthur Luiz Piza e Sérgio Camargo e os «genuínos» Francisco Domingos da Silva, José Antônio da Silva e Agostinho de Freitas.

- Texto de CLARIVAL VALLADARES

VENEZA, junho — Seis meses antes desta Bienal de Veneza, o conselheiro Vasco Mariz, naquela época encarregado do Departamento Cultural do Ministério do Exterior, consultou o prof. Pietro Mário Bardi e a mãe para a seleção dos artistas brasileiros de nossa representação.

Seria impossível fazer-se uma escolha do contentamento de todos. O número dos que competem é elevado e muitos se situam em mérito igual, sendo compreensível o ânimo na disputa e o inconformismo nos resultados. Teria que acontecer o que é comum a todas as oportunidades semelhantes, em qualquer país. Ouvi, já pouco tempo, em Roma, queixas contra Carlos Argaz, comprometido em iniciativa idêntica, e contra Jacques Lassaigne se verifica o mesmo em Paris. Não houve, entretanto, interesse de se consagrar artistas em detrimento de outrem, mas o de se escolher aqueles que melhor correspondessem às possibilidades de uma Bienal de Veneza.

A maior preocupação, manifestada pelo próprio Departamento Cultural do Ministério do Exterior, foi a de se conferir ao artista um tempo suficiente de seis meses, para preparo, seleção e montagem das obras no espaço suficiente e bem estudado do novo pavilhão brasileiro.

2 GRUPOS

Foram indicados três artistas já consagrados pela crítica internacional e três outros de formação autodidata, primitivos, identificados com a expressividade de nossa cultura-base. O propósito foi o de refletir os dois territórios em que a criação artística se processa, no Brasil, sob nítida separação: o dos **artistas eruditos**, de formação e presença relacionadas aos grandes centros internacionais, e o dos **artistas genuínos** que produzem em função de motivações regionais.

Formam o primeiro grupo o pintor Wesley Duke Lee, o gravador Arthur Luiz Piza e o escultor Sérgio Camargo.

O segundo grupo está representado pelo índio desenhista Francisco Domingos da Silva, o pintor «caipira» José Antônio da Silva e o pintor electricista Agostinho de Freitas.

Quanto ao primeiro grupo, embora seja todo conhecido como artistas plásticos já afirmados mediante notável atuação e numerosa obra, foram selecionados, sobretudo, por serem dotados de inequívoco **sentimento de atualidade**. Classificá-los dentro dos gêneros convencionais já não corresponde à realidade, pois eles estão produzindo através de novos recursos, em termos de objetos-equivalentes.

A VANGUARDA

Ninguém deverá esperar de Wesley Duke Lee, nesta mostra, o objeto-pintura, ou o objeto-desenho, no entendimento tradicional, embora este artista seja, por origem e naturalidade, desenhista e pintor. Seus trabalhos estão sendo construídos, agora, em materiais e soluções diversas, admitindo montagem e espaço arquitetural, som e transluminação, sem entretanto sair da natureza da pintura. Wesley Duke Lee é um dos mais avançados da **avanguarda** no Brasil. Polêmico, irreverente, sofisticado, tem entretanto a segurança daqueles que se afirmam através de um **background** do conhecimento do processo histórico e escolar da pintura, condicionados aos termos e implicações da contemporaneidade. Sua presença nesta seleção é o reconhecimento de uma posição na vanguarda universal.

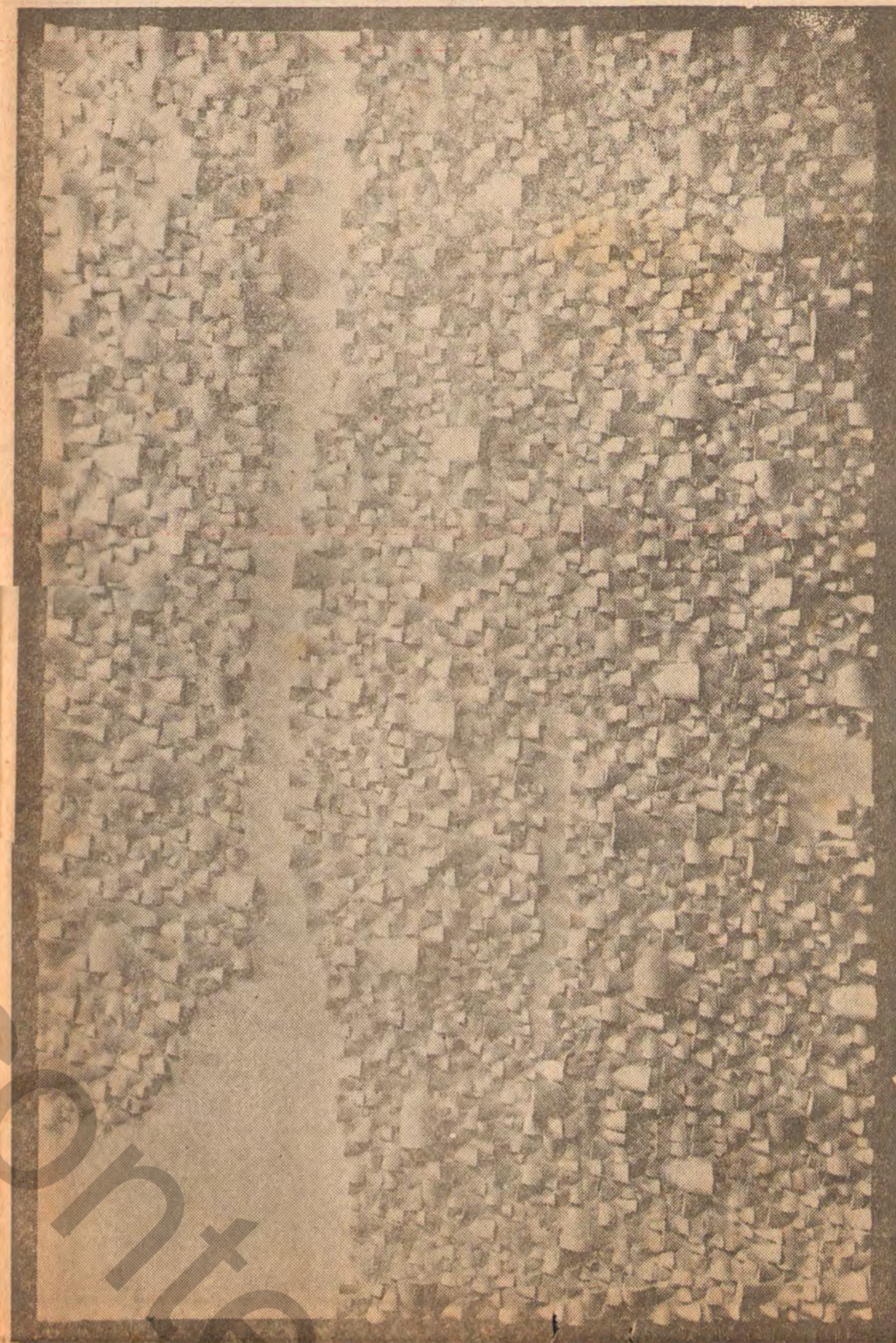
Com relação ao gravador Arthur Luiz Piza parece-nos difícil também, classificá-lo nas chaves da linguagem referenciada. Indicá-lo como abstracionista não estaria errado, porém incompleto. Abstracionista formal, organicista, essencialista, seriam, neste caso, apenas palavras preciosas e de pouca consequência. Válerá mais apelar-se para a atenção que sua obra merece, como problemática da gravura, dentro da linguagem plástica atual. Nota-se em toda a obra progressiva de Piza o incômodo mesmo contra a solução planigráfica da gravura. Ele reflete verdadeira insubmissão, permanentemente pesquisa a fim de conferir à gravura o conceito de construção plástica mais difícil e mais sutil, em face dos materiais e métodos.

O GRAVADOR

Gravura, para Arthur Luiz Piza, é a complexa ordenação de recursos pictoriais e gráficos em procura de uma suficiência estética. A grave preocupação artesanal e a pesquisa dos meios mostram quanto o gravador utiliza de seus conhecimentos para a mais sincera composição com os valores abstratos formais e pictoriais. Toda sua obra selecionada para a XXXIII Bienal de Veneza identifica-se por uma nítida unidade de tema e de valor. Por um estilo individual inquestionável, porém, sobretudo, por uma atitude de pesquisa em que o gravador, rigorosamente adstrito à problemática da gravura, procura atingir situações e valores supostamente naturais da pintura. Isto é, composição mediante **materia formal e cromática**, entretanto realizada por processos naturais e implícitos da gravura. Dessa maneira, chega a uma realidade estética naturalmente comprometida à gravura, e não à pintura, apesar de realizar-se através de expressão colorística. Pode-se afirmar que a gravura de Piza percorre valores da pintura, como problemática a que o artista se propõe, sendo rigorosamente atributos da gravura, inerentes e relevantes.

O ESCULTOR

O escultor Sérgio Camargo identifica-se, de um certo modo, à temática da optical-art. Toda sua obra apresentada à XXXIII Bienal de Veneza se baseia numa determinada unidade geométrica — a seção do cilindro — variando quanto a dimensão diâmetro e ângulo de corte, assim como em relação à disposição das unidades sobre a superfície. Nessas construções Camargo parte de um plano virtual para um espaço limitado ao interesse de percepção



• Sérgio Camargo: Relievo nº 13 (1964), madeira pintada de branco, da coleção Signals-Londres. Obra selecionada para a XXXIII Bienal de Veneza.

dos efeitos geométricos. Difere, em muito, das limitações da assim chamada «op-art» pois enquanto as composições pictoriais e gráficas desta se bastam com a percepção cinética ilusionística, a construção de Sérgio Camargo nos leva a uma outra experiência, nova e surpreendente que é o da permutação dimensional. Desta maneira não nos submete, nem implica, ao jogo da ilusão-ótica pois não basta ser ilusão-ótica para considerar-se qualquer coisa

como sendo obra de arte. Camargo entende e propõe o objeto com os demais atributos que o diferenciam como criação estética. Nesse confronto está, com precisão, a característica do artista. Ao invés de submeter o observador à ilusão de ótica, propõe, em termos de uma unidade geométrica e de suas infinitas variações visuais, a percepção do ritmo e da harmonia que a imagem permuta através a dimensão tempo-espaço.

D. Notícias
1966/66